

Ensino Técnico e as Desigualdades de Gênero: o papel do ensino médio técnico nas desigualdades de acesso à educação superior

RODRIGUES, L.A.L.¹; MATOS, G.B.²; SILVA, A. F.³

¹Docente do IFNMG – campus Almenara; ² Discente do curso técnico em Informática do IFNMG – campus Almenara; ³ Discente do curso técnico em Informática do IFNMG – campus Almenara.
Palavras-chave: educação técnica; ensino superior; segregação de gênero; curso técnico.

Introdução

O objetivo desse trabalho é contribuir para o entendimento das desigualdades de gênero relacionadas às escolhas das carreiras de ensino superior e verificar se e como a formação no ensino médio técnico tem impactos sobre essas desigualdades. No Brasil, as mulheres são a maioria no ensino superior (INEP, 2018). Na educação básica, pesquisas indicam que as mulheres têm os melhores aproveitamentos, formam-se mais no ensino médio e com as melhores notas (INEP, 2009). No entanto, a situação no mercado de trabalho conta outra história: em média, mulheres ganham menos do que homens e tendem a ocupar posições hierárquicas inferiores (IBGE, 2018). Entre portadores de diploma de nível superior, parte desse fenômeno é explicado porque homens e mulheres se distribuem de forma desigual entre as áreas de formação.

Os cursos ligados às áreas de Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (doravante chamaremos de CTEM), são aqueles em que a segregação de gênero é mais nítida (CUSTODIO; BONINI, 2019) e, ao mesmo tempo, propiciam melhor inserção no mercado de trabalho e melhores retornos econômicos (MACIENTE; PEREIRA; NASCIMENTO, 2014; MACIENTE et al., 2015). No Brasil, pesquisas sobre o ensino superior identificaram a prevalência masculina nessas áreas, sobretudo nas engenharias (CARVALHAES; RIBEIRO, 2019).

As abordagens sobre o tema, a partir das ciências sociais, apresentam diversas explicações sobre porque mulheres seriam sub-representadas nas áreas CTEM. Parte delas considera a desigualdade como resultado de processos de socialização distintos que homens e mulheres passam ao longo de sua formação (BARONE, 2011; LEVANON; GRUSKY, 2016). As interações na família e na escola teriam impactos em reforçar estereótipos tradicionais de gênero e afetariam a escolha das carreiras. Esses estereótipos afastariam as mulheres das áreas de CTEM. Dessa forma, um dos principais obstáculos para a equidade de gênero no mercado de trabalho ocorre no próprio sistema de ensino e no acesso desigual a diferentes formações na educação formal.

A principal hipótese desse trabalho é que a formação técnica profissionalizante é um importante fator de equalização das oportunidades entre os gêneros no acesso à educação superior. Características próprias da formação técnica podem ser relevantes mecanismos de aproximação das mulheres de carreiras que, tradicionalmente, são consideradas como atividades masculinas. A abordagem buscará verificar se há diferenças entre os egressos do ensino médio tradicional e do técnico na escolha de diferentes áreas no ensino superior. Os resultados serão relevantes porque poderão desvelar outras dimensões de desigualdade no ensino médio que, até agora, são pouco exploradas pela literatura.

Material e métodos /Metodologia

A pesquisa ocorreu em duas etapas empíricas. A primeira delas consistiu em uma revisão sistemática de bibliografia a fim de verificar se/como tal temática aparece na produção científica no Brasil. A segunda etapa utilizou dos microdados do Exame Nacional de Desempenho do Estudante (Enade) de 2015 a 2017 e consistiu em uma descrição estatística para analisar se o tipo de ensino médio (se técnico ou tradicional) tem relações com a escolha do curso de graduação das estudantes do sexo feminino.

Na primeira etapa, fizemos uma busca na plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) por artigos sobre a temática nos últimos 10 anos. Os termos utilizados para a busca foram: ensino técnico; desigualdades socioeconômicas; desigualdades de gênero; inserção no ensino superior e mercado de trabalho. Analisamos uma amostra de 334 artigos de um universo de 1179 encontrados.

Na segunda etapa, utilizamos os dados do questionário do estudante do ENADE para verificar, entre os concluintes do ensino superior, qual a proporção deles tinham origem no ensino técnico. Esse dado foi associado ao gênero do estudante e ao tipo de curso escolhido.

Resultados e discussão

A pesquisa identificou que a maior parte dos artigos relacionados à temática de gênero pertence a área da saúde. Os resultados foram sensíveis ao contexto sanitário recente, pois a temática da pandemia esteve bastante presente nos artigos sobre a temática de gênero. A tabela 1 resume os nossos achados: artigos sobre o gênero nas ciências humanas e sociais são minoritários e estiveram relacionados, quase sempre, ao ensino superior. Nesse caso, a maior parte dos artigos tratavam de um contexto específico: ora restrito a uma única instituição de ensino, ora com enfoque em um único curso. Notou-se a ausência de trabalhos que tratassem da temática com enfoque no ensino técnico ou com uma abordagem quantitativa em nível nacional.

A análise quantitativa (ver tabela 2) confirma trabalhos anteriores que mostram que estudantes do sexo feminino são a maioria no ensino superior (59,3%), mas são a minoria nos cursos CTEM (36,5%). Entre os concluintes analisados pelo ENADE que são oriundos do ensino técnico, o resultado foi um equilíbrio de gênero: as mulheres constituem 49%. Esses resultados indicam que, a despeito da segregação de gênero nas áreas CTEM no ensino superior, o ensino médio técnico é um espaço mais integrado e com maior equilíbrio.

A tabela 3 informa os dados discriminados por área de formação. Entre mulheres de ambos os modelos de ensino médio, percebe-se que as áreas mais frequentadas são a licenciatura (30,1%) e a saúde (17,2%). A área CTEM aparece em 4º lugar, com 12,6% de estudantes do sexo feminino. Esse resultado é esperado, dado que a literatura sobre a temática indica que os estereótipos tradicionais de gênero tendem a encaminhar as mulheres para as áreas consideradas de cuidado. No entanto, entre as estudantes oriundas do ensino médio técnico, há uma variação nesse ranking. A área CTEM passa a ser a segunda área mais frequentada, com 18,7% de todas as estudantes do sexo feminino. Embora a licenciatura seja a área com maior proporção de estudantes, há um aumento significativo da participação feminina nas áreas CTEM quando restringimos a análise para concluintes de um ensino médio técnico. O trabalho traz indícios de que a formação técnica de nível médio tem efeitos positivos sobre a inserção de mulheres em cursos CTEM no ensino superior.

Conclusão(ões)/Considerações finais

A pesquisa confirmou a hipótese de que a formação técnica em nível médio tem efeitos atenuantes das desigualdades de gênero no acesso à formação em cursos CTEM no ensino superior. As teorias sobre a desigualdade de gênero no ensino superior sugerem que a diferença deriva de processos de socialização distintos pelos quais estudantes passam em seus percursos escolares. Nosso trabalho indica que o ensino técnico, por apresentar um padrão de socialização distinto do ensino médio tradicional, contribui para uma maior igualdade de gênero no ensino superior brasileiro. A revisão da literatura indicou que é necessário avançar em pesquisas sobre a temática de gênero com enfoque no ensino médio técnico. Nosso trabalho apresenta limitações que podem ser tratadas em trabalhos futuros. Por exemplo, seria interessante mensurar as desigualdades a partir de modelos estatísticos que dimensionassem as desigualdades de gênero interagindo com outras variáveis (como classe de origem e raça/cor).

Referências

- BARONE, C. Some Things Never Change: Gender Segregation in Higher Education across Eight Nations and Three Decades. *Sociology of Education*, v. 84, n. 2, p. 157–176, abr. 2011. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0038040711402099>>. Acesso em: 14 mar. 2021.
- CUSTODIO, C.; BONINI, P. Educação superior e trabalho em Santa Catarina: um enfoque nas carreiras de aplicação direta de ciência e tecnologia. *Textos de Economia*, v. 22, n. 1, p. 82–112, 23 jul. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/economia/article/view/2175-8085.2019v22n1p82>>. Acesso em: 1 jun. 2021.
- IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf>. Acesso em: 02/06/2021.
- INEP. Mulheres na Educação Básica. 2009. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-na-educacao-basica/21206#:~:text=Elas%20tiveram%20aproveitamento%20de%2026,3,que%20apresentam%20melhor%20rendimento%20m%C3%A9dio>. Acesso em: 01/06/2021.
- INEP. Mulheres são maioria na Educação Superior brasileira. 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206>. Acesso em: 01/06/2021.
- CARVALHAES, F.; RIBEIRO, C. A. C. Estratificação horizontal da educação superior no Brasil: desigualdades de classe, gênero e raça em um contexto de expansão educacional. *Tempo Social*, v. 31, n. 1, p. 195–233, 17 abr. 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/135035>>. Acesso em: 14 mar. 2021.
- LEVANON, A.; GRUSKY, D. B. The persistence of extreme gender segregation in the twenty-first century. *American Journal of Sociology*, v. 122, n. 2, p. 573–619, 2016.
- MACIENTE, A. N. et al. A Inserção de Recém-Graduados em Engenharias, Medicina e Licenciaturas no Mercado de Trabalho Formal. *Radar - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)*, v. 38, p. 16, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4236/1/Radar_n38_insercao.pdf>.
- MACIENTE, A. N.; PEREIRA, R. H. M.; NASCIMENTO, P. A. M. M. A distribuição de profissionais técnico-científicos pelo território brasileiro em 2000 e 2010. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, Texto para discussão. 2014.

ANEXO I

Tabela 1. Artigos analisados por categoria (frequência e porcentagem).

Categoria	N	Porcentagem
Artigos analisados	334	100
Gênero	39	11,67664671
Gênero e ensino superior	23	6,886227545
Gênero e desigualdade	14	4,191616766
Gênero e ensino técnico	6	1,796407186
Gênero e mercado de trabalho	2	0,598802395

Fonte: Artigos coletados no Scielo. Elaboração das(os) autoras(es)

Tabela 2. Distribuição de estudantes no ensino superior (E.S) por gênero

	Número de concluintes no E.S	% de concluintes no E.S	% nos cursos CTEM	% ensino médio técnico
Feminino	681392	59,31	36,52	49,04
Masculino	467350	40,68	63,47	50,95

Fonte: Enade (2015, 2016, 2017). Elaboração das(os) autoras(es).

Tabela 3. Distribuição de mulheres no E.S por área de formação

Área	Todas estudantes		Área	Estudantes do ensino médio técnico	
	n	Prop.		n	Prop.
Licenciaturas	205447	0.301511	Licenciaturas	10192	0.236238
Saúde	117281	0.17212	CTEM	8103	0.187817
Administração	87628	0.128601	Saúde	7565	0.175347
CTEM	86525	0.126983	Administração	5689	0.131864
Direito	66450	0.097521	Serviços	4276	0.099112
Serviços	52349	0.076827	Direito	3823	0.088612
Ciências Sociais	47604	0.069863	Ciências Sociais	2679	0.062096
Medicina	9211	0.013518	Humanidades	599	0.013884
Humanidades	8897	0.013057	Medicina	217	0.00503

Fonte: Enade (2015, 2016, 2017). Elaboração das(os) autoras(es).